Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia / SECADI/MEC
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

MARCOS MACIEL DE SOUSA ROCHA

MODA, FEMINISMO & GÊNERO: A CONQUISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES SOB A ÓTICA DA MODA

BRASÍLIA
2015

Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia / SECADI/MEC
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

MARCOS MACIEL DE SOUSA ROCHA

MODA, FEMINISMO & GÊNERO: A CONQUISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES SOB A ÓTICA DA MODA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (IP/UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.

Professor Orientador: Ms. Clerismar Aparecido Longo

BRASÍLIA
2015

Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia / SECADI/MEC
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Marcos Maciel de Sousa Rocha, intitulado "Moda, feminismo & gênero: a conquista dos direitos das mulheres sob a ótica da moda", submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

_____

Ms. Clerismar Aparecido Longo (Orientador)
Universidade de Brasília (UnB)

_____

Ms. Analu Dores Fernandes (Examinadora)
Universidade de Brasília (UnB)

BRASÍLIA
2015

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Clerismar, cujos encorajamentos e competência não me deixou desistir de escrever esta monografia, embora tantos acontecimentos atuavam em favor da desistência.

RESUMO

O presente trabalho científico procura compreender as questões das ações do feminismo e o mundo da moda a partir da década de 1960 - 1980 (*segunda onda do feminismo*), buscando relacionar o comportamento das mulheres às formas de se vestir, pentear-se e falar de acordo com os conceitos de moda diante das relações de poder da época. Busquei ainda fazer uma análise das questões de gênero com a imagem da moda *unissex,* esta que estreitou o universo da moda masculina com a feminina.

Palavras-chave: Moda, feminismo, gênero, direitos das mulheres, comportamento.

ABSTRACT

This scientific work seeks to understand the issues of the shares of feminism and the fashion from the decade of 1960 - 1980 (*second-wave feminism*), seeking to relate the behavior of women on ways to dress, comb her hair and talk about according to the fashion concepts on the power relations of the time. Also sought to analyze gender issues with the unisex fashion image, this that narrowed the male fashion world with the female.

Keywords: Fashion, feminism, gender, women's rights, behavior.

Lista de Figuras

Figura 1: *We Can Do It!* 9

Figura 2: *Le Smoking* 23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **8**

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO FEMINISMO: ORIGEM, POLÍTICA E IDEAIS **9**

1.1 Década de 60 12

1.2 Década de 70 15

1.3 Década de 80 16

2. A MODA, O FEMINISMO E IGUALDADE DE GÊNERO **20**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **29**

REFERÊNCIAS **30**

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender as representações sobre a conquista dos direitos das mulheres na segunda onda do movimento feminista (1960-1980), a partir da relação entre a mentalidade da época e os conceitos de moda como elementos fundamentais para colaborar com o poder das mulheres na sociedade. Neste período, as questões de gêneros apresentadas pelo movimento feminista foram elementos importantes na construção de uma nova forma de se comportar e ver o mundo para toda humanidade.

A análise da atuação feminista e da moda construída durante a segunda onda do feminismo é fundamental para se entender a construção de ideias sobre o que é direito igualitário e identidade de gênero durante a partir da década de 60 até os dias de hoje.

O foco desse trabalho é entender como se deu o processo de conquistas no espaço político, social e cultural pelas mulheres e como esta conquista influenciou grandes estilistas a fazer moda de acordo com ações sociais, consolidando com a atuação das mulheres no campo profissional.

Esta pesquisa versará sobre o universo da moda como símbolo de distinção e poder de determinados grupos sociais que se afirmam como diferentes e, por isso mesmo, superiores. A relevância deste trabalho consiste em contribuir para o entendimento do comportamento das mulheres por meio do movimento feminista que procurou padronizar o comportamento de uma sociedade, impondo novas regras de comportamento que todos deveriam aceitar para se fazer respeitadas e manterem os direitos iguais. Este assunto é bastante atual, estando presente em nossa sociedade em discursos políticos, acadêmicos e outros.

Além desse aspecto, o estudo dos direitos das mulheres sob a ótica da moda se mostra ainda contemporâneo e contribuiu para a compreensão dos comportamentos atuais, pois, ainda hoje como ocorria nas décadas de 60, 70 e 80, as vestimentas busca oferecer poder para movimentos que desejam se expressar através de gestos e comportamentos considerados diferenciados.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO FEMINISMO: ORIGEM, POLÍTICA E IDEAIS.

Figura 1: *We Can Do It!*[1]
Fonte: http://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_538122

A história das mulheres sempre fora marcada por lutas políticas e sociais. Através de um breve olhar sobre a historiografia das mulheres, podemos notar que a conquista dos Direitos das Mulheres se deu por meio de um processo lento durante toda a história da humanidade.

O direito igualitário entre os sexos não é só um ideal, mas também objetivo de lutas por parte das mulheres e de alguns homens que defendem a equidade de gênero. Partindo deste princípio, surgiram vários movimentos em favor dos direitos das mulheres, dentre eles destaca-se o feminismo que tem sua origem em 1848 com a convenção dos direitos da mulher, em Nova Iorque.

O feminismo, desde sua origem, se tornou a manifestação de um pensamento crítico, uma prática e uma ação política em busca da luta pelas igualdades civis entre os sexos. Um processo histórico que envolve diversas formas de teorias, segmentos, movimentos e ideais similares entre o que dele participam. Todas as ideias relacionadas pelo mesmo objetivo – a luta pela igualdade de homens e mulheres.

[1] We Can Do It! (Nós podemos fazer isso!) - propaganda de guerra criada por J. Howard Miller, em 1943. Contudo, a

De acordo com a literatura sobre o feminismo, sua história pode ser descrita em três ondas, conforme demonstra Guaciara Lopes Louro[1] (LOURO, 2001, p. 18).

> O movimento feminista organizado, no Ocidente, é um fenômeno do século XIX. A sua "primeira onda" data da virada para o século XX, quando as manifestações contra o sexismo adquiriram visibilidade e expressividade com o chamado sufragismo, que visava à extensão do direito de voto às mulheres. Ao alcance dessa meta, seguiu-se uma certa desaceleração do movimento.

Por este prisma, a primeira onda disparou-se a partir das manifestações feministas ocorridas nos Estados Unidos e Reino Unido entre o final do século XIX e início do século XX. Entre suas principais causas aparecia a batalha por espaço no poder político e em destaque a luta pelo direito ao voto.

Nesta fase, uma das maiores percussoras do movimento feminista foi a escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, responsável por ter apresentado à sociedade o ato de refletir sobre a identidade feminina e levar ao âmbito acadêmico o conceito e a discussão de gênero através do seu livro "O segundo sexo", publicado no ano de 1949, no qual, ela realiza uma análise minuciosa no que concerne à opressão sofrida pelas mulheres.

A segunda onda do feminismo é compreendida entre meados da década de 1960 e 1980, período marcado pelo ativismo organizado com a finalidade de revindicar por leis que colaborassem para uma série de direitos voltados para as mulheres como, por exemplo, políticas de direito ao corpo, atuações e estudos científicos acadêmicos. Diante destes ideais, no final da década de 60 o movimento feminista retoma com fôlego total, contudo, a "segunda onda" surge com uma preocupação maior no que diz respeito às políticas sociais, e buscam investir em construções teóricas que disseminam no meio acadêmico com a colaboração das militantes feministas universitárias.

Nesta segunda onda do feminismo em que se deu continuidade das reivindicações das mulheres por equânimes - igualdade de gênero, elas se organizam e se reúnem para a realização de mais eventos que iriam resultar na luta por seus direitos e uma nova forma de se comportar e de serem vistas dentro da sociedade. No comparativo destes dois momentos do feminismo, é observado claramente as distinções existentes nestas duas ondas. O primeiro teve como objetivo a luta por conquistas dos direitos

políticos, exemplo, o sufrágio feminino. Já no segundo momento, as feministas estavam focadas para com o fim da desigualdade entre os sexos. As feministas batalham, buscam e conquistam mais espaços políticos, culturais e sociais. Elas de fato conseguem se destacarem na sociedade.

Com um cenário político nacional e internacionalmente delicado, a segunda onda do feminismo durou até a década de 1980, perpassando por toda uma problemática no que se referia ao olhar do corpo feminino. A ideologia do feminismo neste momento era desconstruir da mentalidade da sociedade a função da mulher como dona de casa e reprodutora – apenas mãe. Desestruturar os padrões estabelecidos na sociedade no que estava relacionado aos papéis de homens e mulheres, apresentando à sociedade as questões de gênero.

Ainda na década de 1960, especificamente em 1964, período da ditadura militar no Brasil, os movimentos esquerditas estavam sob discretas aparições e manifestações por evitar conflitos com os militares naquela época. Mesmo diante de tamanha repressão, o feminismo buscou meios de ser visto e ouvido pelos lideres políticos da época com a frase "Liberação das Mulheres". Esta frase que teve como origem nos Estados Unidos, a frase em si acabou se tornando uma espécie de grito de guerra entre as militantes feministas.

Nesse contexto, assuntos que até então eram considerados tabus, em nossa sociedade, ganham manchetes quando as feministas expressaram suas opiniões em favor ao aborto e ao livre uso de seus corpos, expressando os seus desejos sexuais, e o potencial dos seus corpos para trabalharem e ocuparem cargos de poder iguais aos dos homens. Essa busca pelos ideais referendados transformam o contexto político e econômico na sociedade do mundo inteiro, em destaque a dos Estados Unidos, onde as mulheres se colocaram no mercado de trabalho, impondo respeito e se destacando pela igualdade e capacidade de desenvolver atividades semelhantes aos dos homens.

Em meio a todas essas conquistas de espaços na sociedade, as mulheres sempre tiveram como maior obstáculo a igualdade de salários para com os homens. Desde em que as mulheres ocuparam o mercado de trabalho, a questão salarial sempre foi uma "pedra no sapato" das feministas. Ainda nos dias atuais continua sendo, pelo fato de homens e mulheres ocupando o mesmo cargo, mas com remunerações diferenciadas, onde o homem sai em vantagem.

A segunda onda feminista está intrinsecamente vinculada com uma nova e terceira fase, a qual surgiu com a finalidade de somar com o que já tinha sido

conquistado e reforçar novas ideias no que estiver relacionada aos valores das mulheres e sua participação na sociedade.

A terceira e atual fase do feminismo vem desde os anos 90. Nesta atual onde o feminismo ganha força ano após anos. Maior o número de participantes nas manifestações organizadas para a luta dos direitos das mulheres. O feminismo se transforma e a luta por um maior espaço na política, na cultura e em todo meio social ganha proporções maiores em todo o mundo.

1.1 Década de 60

A moda e o feminismo sempre estiveram interligados. Desde o surgimento do feminismo no final do século XIX – a moda esteve presente no cenário feminista.

Passado longos anos de transformações sociais – A década de 60 foi expressamente marcada pelos movimentos jovem e um maior destaque no que concerne os direitos das mulheres. Os filmes hollywoodianos e os celebres músicos da época foram inspiradores e influentes para com os jovens. As celebridades e suas vestimentas, canções e ideias políticas eram a representação pela sede de mudanças de comportamento da sociedade pela busca da paz. A moda nesta década passa ser vital e simbolismo de identidade. Surgiam as chamadas tribos.

> Nesse cenário, a transformação da moda iria ser radical. Era o fim da moda única, que passou a ter várias propostas e a forma de se vestir se tornava cada vez mais ligada ao comportamento (http://almanaque.folha.uol.com.br/anos60.htm).

As feministas no Brasil lutavam contra a ditadura militar de modo sutil, grandes celebridades femininas como, por exemplo, a modelo Twiggy - referência de atitude, elegância e poder feminino. Ela se transformou o marco da imagem feminina da década de 60 por seu estilo diferente, beleza, cabelo curtíssimo, maquiagem com os seus cílios altamente marcados com o delineador e por sua personalidade única.

Para cada vestimenta ou um novo penteado exibido pelas celebridades era motivo para virar moda entre os jovens.

Exemplo maior foi a minissaia - o grande atrativo da década. Criado pela inglesa Mary Quant, a minissaia se transformou em expressão de poder das mulheres – um

verdadeiro simbolismo de conquista e liberdade dado as mulheres. Mary Quant também foi responsável pela inovação da maquiagem.

A influência da moda nas relações de poder entre os sexos foi trivial para as estilistas criarem novos *looks*. O objetivo era poder transmitir através das vestimentas e comportamentos a conquista do poder e dos direitos das mulheres de uma forma simbólica para a vida social.

Nesse contexto, o mercado da moda tem a necessidade de atender os jovens, uma vez que, os criadores da moda sentem que aquela geração desejava mudar e apresentar características de sua personalidade e de suas tribos de acordo com as vestimentas, acessórios e penteados dos mais variados. A luta pela liberdade de expressão por parte dos jovens e a busca constante pela igualdade de gênero das feministas, levava a moda ser a representatividade do sinal de liberdade entre toda sociedade.

Os estilistas neste momento buscaram inspirações através dos comportamentos das feministas para desenvolver/criar roupas com características e códigos com símbolo de poder para as mulheres. O sentindo destas criações era de levar ao público feminino o poder igualitário através da imagem.Contudo, para tal intuito, eram feitos estudos e análises da imagem masculina para reproduzir nas mulheres vestimentas e comportamentos semelhantes aos dos homens.

Em meio à segunda onda do feminismo, o estilista Yves Saint Laurent acabou se tornando o precursor da migração do vestuário masculino para adaptação das vestes femininas com a criação do smoking feminino em 1966. Determinada indumentária criada por ele era a semelhança do terno masculino voltado para o biótipo feminino.

Devido a constante luta pelos direitos iguais, o guarda roupas das mulheres passava por transformações gradativamente de acordo com a nova maneira do comportamento feminino.

O Unissex ganhava espaço e força nas vestimentas da sociedade a cada conquista dos movimentos feministas. Nessa época os estilistas trabalhavam através de duas vertentes: a luta pela conquista dos direitos das mulheres e a necessidade de suprir o desejo do mercado de consumo que buscava sempre mais por novidades e transformações sociais.

A peça de roupa calça jeans foi destinada ao público de operárias – logo foi considerada moda básica das ruas. Ainda na década de 60, a aparência das mulheres era das mais variáveis.

No final dos anos 60 o estilo hippie atingiu o ponto mais alto dos movimentos jovens da época, o ar romântico e florido estava em alta. A ideologia era paz e amor e direitos iguais para todos. Este movimento corroborou significadamente com os ideais do feminismo. O pop art de Andy Warhol surge ainda nos anos 60 – seus trabalhos com símbolos, códigos, representações populares da cultura norte-americana fazia parte de vários produtos e objetos levando a imagem do seu pop art para as estampas dos tecidos.

O movimento estudantil de 1968 foi a forte representação do poder da união dos grupos de mulheres, negros, gays e hippies, foi o ano da eclosão entre todos os jovens militantes. O movimento estudantil conectou-se com diversas partes do mundo, e nela questionavam-se os valores, os costumes, os direitos, a sexualidade, os aspectos morais e os direitos iguais.

Provavelmente o traço marcante dos anos 60 tenham sido o rebelar das mulheres no que se referia a questão do domínio do seu próprio corpo, era a busca por liberdade sexual junto a liberdade de expressão. Nesse contexto, surge a pílula anticoncepcional, o direito de salários iguais aos dos homens, autonomia por poder de decisões, comportamento sexual feminino liberal. Contudo, em meio a tantos eventos históricos, a queima do sutiã foi o símbolo da libertação das mulheres contra a opressão. Diante destas ideias Juliana Teixeira Joaquim e Cristiane Mesquita (2012, p. 647) destacam que,

> Com o advento da pílula anticoncepcional, a mulher pôde exercer maior controle de sua sexualidade, o que possibilitou o livre arbítrio sobre a função biológica de seu corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutiva. Esses fatores provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade a partir do deslocamento das fronteiras entre homem e mulher. Então, o padrão tradicional de ser mulher passa a ser questionado, e aquele ideário que busca a igualdade sexual entre homens e mulheres passa a ser difundido em detrimento do modelo que exigia da mulher a negação de sua sexualidade e a contenção de seu exercício sexual com fins de procriação. Desse modo, o feminismo propõe que o exercício da sexualidade se desassocie da função biológica de reprodução da mulher.

Com os anos 60 e suas frequentes transformações sociais, a luta pela liberação da mulher (women's lib), levava aos movimentos feministas em diversas partes do mundo o objetivo de trazer a sociedade uma nova imagem e papel da mulher indo

contracultura da época. A moda contribuía fortemente para esse chique cultural. Essa era ideia central dos movimentos da época.

Os anos 60 se encerra com o grande festival de musica chamado o "Woodstock Music", o qual levou centenas de jovens para três dias de muita música, comemoração, sexo, prazer e uso de drogas. Era a liberdade em foco.

1.2 Década de 70

Os anos 70 iniciam com uma mentalidade social mais engajada diante dos direitos iguais. As ideologias dos anos 60 é um legado para as feministas da década de 70. As lutas continuavam, após o festival de Woodstock em 1969, e teve como finalidade questionar o sistema político da época, mostrar o poder da união jovem e a sede mudanças. Era o momento em que o comportamento da sociedade se voltava para uma nova organização social. Dava-se a luta pela liberdade de expressão em todas as esferas sociais. A moda e o seu papel social continuava como uma referência de força para oportunidades iguais entre homens e mulheres.

No período de 1970 a marca da expressão do poder da mulher estava em forte evidência. Aqui no Brasil as mulheres lutavam também por mais espaços sociais e uma nova conscientização do seu papel na sociedade se formava. Por este prisma, no artigo Rupturas do vestir: articulações entre moda e feminismo, ressalta que:

> No Brasil, o feminismo pode ser classificado, à semelhança do ocorrido no exterior, em dois principais momentos. O primeiro momento do feminismo organizado e atuante no país esteve articulado a outros movimentos socioeconômicos do período, como uma série de atividades populares por melhores condições de vida e ações políticas contra a ditadura militar. A participação da mulher na resistência à ditadura durante a fase de repressão política iniciada em 1964 contribuiu não apenas para insurgir contra a política vigente, mas caracterizou uma transgressão ao espaço tradicionalmente feminino, estabelecendo um conflito com padrões tradicionais de valores (JOAQUIM e MESQUITA, 2012, p. 649).

Foi uma década que se exigia uma nova consciência e argumentos fortes para ir contra o sistema pré-estabelecido. O histórico que se tinha das conquistas e evolução dos movimentos feministas nas décadas anteriores (50 e 60), aos poucos a política maior do "homem branco" continuava a ganhar forças e passava por cima dos direitos já

conquistados pelas mulheres, no entanto, o feminismo não calou a voz e continuo sua luta para conquistar de uma maneira mais radical os direitos iguais. Diante destes fatos, outras minorias corroboravam com o movimento feminista para acabar com a opressão da censura.

Uma renovação nas manifestações acontecia, por expressar ideias convincentes de que as mulheres mereciam ocupar novos espaços deixando para trás formas ingênuas de atuação dentro da sociedade. Tinham elas se tornado mulheres mais críticas perante a política imposta.

Enquanto isso, a moda dava passos transgressores junto com o avanço das feministas. As calças "boca-de-sino" e sapatos plataforma usado por ambos os sexos estreitava o universo masculino e feminino – assim ganhando cada vez mais espaço a moda unissex. Formas, cores, texturas, acessórios e penteados faziam da moda dos anos 70 uma moda revolucionária. A humanidade conquistava aos pouco a livre escolha sexual.

Através das vestimentas em destaque, podíamos identificar vários grupos e estilos, entre eles o andrógino representado pelo cantor David Bowie. Fora o estilo futurista, o qual era roupas com conotação espacial. No cinema - o filme "embalos de sábado à noite" foi a grande sensação dos anos 70 exatamente por causa do figurino filme que foi fortemente copiado entre jovens, trazendo para a juventude o prazer de imprimir através da moda e da dança traços de sua personalidade.

O cenário musical não ficou de fora, o gênero musical punk surge para contribuir com sua cultura diferenciada das outras categorias musicais. Foi um estilo musical que trouxe para o feminismo poder, uma vez que, a cantora alemã Nina Hagen foi à mulher que se destacou neste movimento, associando o direito da mulher em fazer da sua imagem o que se deseja.

As mulheres se destacavam ao se afastar do ideal da mulher submissa – dona de casa. Os anos 70 para o mundo da moda atual é uma forte referência por expressar o período em que as mulheres engajadas na luta por transformações do seu universo conquistaram espaços e direitos que ainda hoje reflete em nossa atual sociedade.

1.3 Década de 80

Rereferências fortes dos anos 80 são: aparência sofisticada, luxo, prestígio, status e poder – esses são apenas alguns vários adjetivos pomposos relacionados aos desejos e comportamentos da sociedade naquela época. A publicidade e a propaganda foram os grandes mecanismos para a difusão da moda e todo o seu luxo, a qual para época era sinônimo de glamour e riqueza.

O universo da moda trabalhava com a meta de atingir os desejos dos seus consumistas e adeptos, produzindo estilos cada vez menos simplórios. O consumo e novas produções faziam com que as grandes marcas de roupas e acessórios transformassem seus produtos em grandes destaques comerciais e os publicavam suas logo marcas em várias revistas de modas, comerciais de TV e vários outdoors nas grandes cidades. Nesse víeis de produção do capitalismo, os shoppings se tornam o grande foco para os que desejam ter aparência e prestigio.

Nos anos 80 a moda realizava uma série de criações e inovações – ela transmitia versatilidade e ao mesmo tempo se mostrava ousada, sofisticada e sensual. Período marcado por fortes visuais no mundo da música, do cinema e nos programas de TV - tudo voltado para a ostentação e sofisticação.

O modo de se vestir prêt-a-porter virou destaque no guarda roupas de todo o mundo – a ideia era que as roupas se tornassem mais práticas ao vestir-se. Nessa linha de praticidade o jeans eclodiu-se com as chamadas calças baggy e semi-baggy – as mesmas viraram símbolos de status.

O direito de igualdade entre homens e mulheres no campo político, social e profissional, permanecia marcado pelas lutas do movimento feministas. As mulheres se destacavam no mercado de trabalho por conquistarem cargos executivos e de chefias até então ocupados pelo sexo masculino. No entanto, o vestuário feminino passa por algumas mudanças para se adaptarem ao novo cenário do mercado de trabalho voltado para as mulheres no poder. As roupas de trabalho das mulheres eram representadas por blazers com exageradas ombreiras e calças com cintura e cós altos. A ideia das ombreiras era transmitir a aparência de poder semelhante ao dos homens que ocupam cargos de Diretores/Presidentes/Chefes de uma empresa. Essa busca por esse novo formato de se vestir e atuar no meio profissional causado pelas mulheres, trará para a sociedade estilo fashion "andrógino". Estilo este que aproxima a imagem masculina do feminino ou vice-versa.

Para complemento do visual, o penteado da época era por conta do gel para os cabelos, o qual poderia ser visto nos penteados dos homens e das mulheres – o penteado se tornava marcante pelos topetes altos.

Assim sendo, celebridades como cantora jamaicana Grace Jones, Annie Lennox do Eurythmics, Boy George do Culture Club e David Bowie fazia do estilo andrógino um verdadeiro encantamento dos anos 80 – exatamente por eles brincarem com a ideia dos gêneros 'homem' e 'mulher'. A partir de então eles se tornaram referências deste estilo até os dias de hoje.

No contexto musical, Madonna e Michael Jackson foram considerados o rei e a rainha do pop – os mesmos influenciaram fortemente a moda e toda a geração dos jovens revolucionários dos anos 80. Michael Jackson no seu estilo único de jaquetas de material sintético e de várias cores, com zíperes e que por hora lembravam fardas militares, acabou se tornando um ícone por suas performances e modismos. Já a cantora Madonna foi o marco da ousadia feminina ao aparecer de forma nada convencional ao comportamento feminino estabelecido até aquele período pela sociedade. De maquiagem forte, meia arrastão, batons de cores quentes e com muita personalidade, Madonna ousou entre o universo da moda e em meio aos costumes religiosos. Crucifixos faziam parte do seu estilo. Ela era a referência única do rebelde/chique com ideias transgressoras.

Ainda na década de 80, a ginástica aeróbica representava o desejo da sociedade por corpos belos e esculpidos, os mesmos conquistados através das academias e dos programas de TVs que apresentavam programas voltados para como fazer exercícios físicos corretamente e ter como resultado um belo corpo. Sem a menor sombra de dúvidas os anos 80 se tornou o marco da geração saúde. Nesta atmosfera de malhação, treinos e o culto pelo corpo perfeito, a moda da academia acabou tomando conta das ruas com os tênis que se transformou o calçado prático confortável para todas as horas e a calça fuseau que colaborava com conforto e praticidade do cotidiano da mulher.

Em meio a todos os acontecimentos revolucionários, transformadores e marcantes existentes naquela época, alguns estilistas como Giorgio Armani não optou pelas cores e formas das vestimentas de suas criações. Ele não foi adepto daquela moda considerada futurista na época. Na verdade ele manteve a elegância masculina e feminina através cores e corte sóbrios, assim firmando suas inovações ao estilo clássico.

Entretanto, os anos 80 serão lembrados como uma década inovadora, onde a ostentação misturada ao exagero de cores e formas do mundo da moda colaborou para as transformações nos aspectos sociais e culturais de toda sociedade até os dias de hoje.

2. A MODA, O FEMINISMO E IGUALDADE DE GÊNERO

A moda em sua peculiaridade deste sempre vem colaborando para as transformações sociais, e dentre elas, contribuindo para o progresso da ascensão dos direitos das mulheres ou a chamada igualdade de gênero.

A partir da problemática apresentada pelo feminismo e pelas questões de gênero, podemos observar e analisar que os elementos políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos – tais elementos que precisam compreender que existe uma lacuna a ser preenchida no sistema social e cultural, o qual se faz necessário buscar meios de mudanças urgentes e positivas para um novo modo de pensar e se comportar diante da igualdade de gênero ainda não compreendida por toda sociedade.

> Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de "homens" aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo "mulheres" interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2003, p. 24)

Através desta emblemática apontada ao gênero, o feminismo e a moda por hora em conjunto e em outros momentos em trabalhos solos, buscam promover a ideia, imagem e o comportamento das questões de gênero em toda sociedade – assim denotando a importância dos direitos iguais para ambos os sexos.

Por um longo período da história a vida da mulher não foi retratada. Os homens brancos e que estavam no poder compreendiam que elas nunca foram um destaque para sociedade. A imagem do homem/masculino branco sempre foi o foco da história da humanidade, depositando no comportamento do sexo masculino a identidade, valores, costumes e princípios da sociedade desde sempre.

O sistema social primitivo deu início a um mecanismo considerado pequeno a capacidade feminina – conceituando a mulher como sexo frágil. Por muito tempo esse

padrão tomou conta da mentalidade social. Contudo em períodos mas recentes tivemos sinais de renovação significativas no que concerne ao sujeito mulher.

> Representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto. Quanto ao ato de pensar, que estabelece a relação entre o sujeito e o objeto, este tem características específicas em relação a outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, memorial etc.) (JODELET, 2001, p. 5).

É denotado que as mulheres estiveram ausentes e distantes dos mecanismos que levaram ao funcionamento do sistema da sociedade. Exatamente porque dentro das representações sociais dadas a humanidade, a imagem da mulher não se apresentava ao pensamento coletivo como uma figura importante e relevante para as decisões postos como importantes da sociedade.

Diante do desconstruir e o reconstruir da mulher na sociedade durante esses vários anos e após o sufrágio feminino que aconteceu entre o final século XIX e início do século XX, temos o segundo maior marco da história das mulheres e toda sua representatividade dentro da sociedade a partir da década de 60. Quando acontece a chamada segunda onda do feminismo. Elas que por sua vez sempre estiveram "apagadas" das participações nas deliberações políticas/social em todo o mundo, a mulher se rebela após os anos dourados para se sobressair da imagem da mulher frágil, submissa e dona de casa estabelecida nos anos 50.

Neste contexto de mudanças e transformações as feministas alavancaram os momentos transgressores da década de 60 pela busca dos seus ideais, a conquista por mais espaço social e luta constante pelos direitos iguais. O feminismo contava o apoio de outros movimentos surgidos na época - dando início às transformações. A moda por sua vez se alia ao movimento através dos seus códigos/sinais de transgressão, avanço e revolução política/ social/econômica/cultural. O vestir-se sempre foi uma forma de expressão de identidade. A mulher neste momento deixa de ser sujeito passivo para o sujeito ativo em todos os aspectos existente do sistema humanidade.

Aqui no Brasil era período do regime militar, os grupos pequenos considerados de esquerda pela política vigente da época em nosso país não permitia as

ações/manifestações de pequenos grupos nas ruas ou nas instituições de ensino, principalmente nas universidades, uma vez que, para o governo militar da época consideravam que a existência de grupos pensadores/intelectuais como o grupo das feministas poderiam ser uma conspiração para o governo.

O encontro das feministas brasileiras naquela época se tinha como referência a ideologia dos movimentos feministas das americanas do norte e das europeias e elas se encontravam secretamente. Encontros parecidos como os de esquerda política da época. Pois as mulheres feministas do período militar corriam o risco também de serem torturadas e mortas como os demais grupos sociais contrários ao governo militar.

> Nesse contexto, o autoritarismo praticado pelo Estado dava pouca possibilidade para que outras pautas, as quais diziam respeito especificamente às demandas das mulheres, viessem à tona. Por um lado, as mobilizações de mulheres basicamente se somavam às formas de resistência à ditadura; por outro, o próprio engajamento político de mulheres já trazia, em si, uma revisão de uma ordem de gênero que relegava as mulheres a um papel secundário (SARTI, 2004), ainda que não sistematizada em bandeiras assim chamadas feministas (https://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/movimento-feminista/).

Nas transformações sociais praticados pelas feministas, o estilista frânces Yves Saint Laurent (1936-) com um olhar visionário acerca do novo papel social das mulheres, em 1966 criou o famoso *Le Smoking* – uma junção de uma calça masculina com uma blusa transparente. A ideia desta indumentária era estreitar o vestuário do masculino e feminino. Possibilitando as mulheres o direito de se vestirem semelhantes aos homens e colaborando com o ideal de direitos iguais.

> Entre todas as suas criações, "le smoking", como foi chamado, sinalizava uma mudança na forma como as mulheres se vestiriam dali por diante. A liberdade dada por *Chanel* agora ganhava poder com o novo traje e tudo o que ele representava - uma nova atitude feminina (http://almanaque.folha.uol.com.br/saintlaurent.htm).

Figura 2: *Le Smoking*[2]
Fonte: https://br.pinterest.com/pin/356488126725538177/

Yves Saint Laurent na criação do seu smoking feminino aprimorava a ideia da estilista Coco Chanel que já havia levado para o guarda roupa feminino peças masculinas na década de 20. Contudo a vestimenta em destaque não foi bem quista nos anos recentes de sua criação. Para a sociedade em si era chocante ver mulheres vestindo-se com determinado *look*. Em determinados ambientes como restaurantes e algumas lojas, o smoking feminino não podia entrar. Isso porque para o pensamento coletivo da época não era transgressor as mulheres trajarem tal roupa.

Mas a moda não parava e logo buscava formas para se adaptar ao novo comportamento feminino. Novas proporções, simetrias, cores e diversos elementos foram adaptados para se construir a imagem da nova mulher – a mulher independente. Uma nova modelagem as vestimentas femininas foram criadas.

Em meio às lutas políticas existentes na década de 60 – o grande slogan liderado pelas feministas era a "Liberação das Mulheres" – o que seria uma espécie de "grito de guerra" entre as feministas nos Estados Unidos. Está frase acabou se espalhando pelo mundo e se transformando no discurso/figuração/característica principal dos grupos feministas.

[2] *Le Smoking* - foto de Helmut para a Vogue francesa em 1975.

Nesta perspectiva feminista - os que ainda não tinham conhecimento sobre o movimento composto por mulheres à frente do seu tempo, iriam passar a conhecer, pois as mesmas além do espaço político desejado – elas também conquistavam o mercado de trabalho numa maior proporção. Era as mulheres em busca dos seus direitos.

Os anos 70 é fortemente marcado pelas criações e aprovações de leis voltadas para os direitos das mulheres. Em todo o mundo, em diversos países leis foram aplicadas para igualdade dos sexos. Como mostra Yasmine Ergas

> Além disso, a influência política feminista não se confinou às fronteiras nacionais. Organizações internacionais introduziram nas ordens de trabalho os direitos das mulheres: as Nações Unidas, por exemplo, celebraram a Década da Mulher (1975-1985), com conferências na Cidade do México, em Copenhaga e em Nairobi que fizeram luz sobre a extensão da mobilização feminista e sobre o seu impacto tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento (ERGAS, 1991, p. 584).

No processo das transformações sociais onde a mulher começava a se destacar com uma maior vivacidade. A política entendia que deveria ser concedidas a elas espaços para o gênero feminino atuar. Nesta atuação no mercado de trabalho foram adaptadas novas modelagens de roupas para condizer com o novo comportamento da mulher. Metonimicamente e simbolicamente associada ao universo feminino, a moda ganhava um tratamento estético e sociológico preciso para transformar o poder da mulher semelhante ao do homem que sempre esteve no topo mais alto da carreira profissional.

Expressar moda, discutir a moda e trabalhar em cima da moda, em particularidades deixou de ser um assunto frívolo para época. E para muitos, os comportamentos dos movimentos políticos/sociais vigentes da época ganhavam adaptações codificadas pela moda. Através das modificações dos códigos sociais - modos de pensar e falar daquela época, isso fazia com que os espaços e jogos de ideais políticos apresentados pelas feministas se transformassem em referência de conquista e poder dos direitos igualitários.

Ainda na década de 70, o universo da moda era composto por duas vertentes: a primeira em atender o público consumista com suas novas criações – a segunda tinha como intenção criar roupas voltadas para corroborar com a luta dos direitos das

mulheres. A roupa falava e fala conforme destaca Glória Kalil (2004, p. 27) em Chic (érrimo): "Toda roupa quer dizer alguma coisa. É uma escolha individual que mostra como você quer ser visto ou avaliado".

As roupas naquela época tinha por sua finalidade a forma de expressão de identidade da nova mulher e os demais movimentos existentes, como: o movimento negro, estudantil, hippe e outros. As mulheres aprenderam com as experiências da dos anos 60 a consciência do seu poder – com o tempo defendendo com vigor suas reivindicações específicas voltadas para o conjunto de mulheres movidas pela revolução das mulheres donas dos seus próprios corpos.

> Em todos estes processos, e particularmente na conquista da autonomia política e simbólica – o afirmar "nós, as mulheres" - , o feminismo, ou antes, os feminismos dos anos sessenta e setenta desempenharam um papel essencial, impondo a feminilidade como categoria fundamental da identificação política e organizando-se como espaço autônomo, onde podiam operar-se a sua desconstrução e a sua reconstrução (THÉBAUD, 1995, p. 19).

A moda reforçou-se como uma linguagem - uma forma de expressão e comunicação em favor do feminismo. Tendo como referência o comportamento social daquela época, dos hábitos e costumes das mulheres, das motivações psicológicas, políticas e socioeconômica daquele cenário por luta de direitos igualitários.

Por este prisma, as transformações óbvias que podiam ser observadas no mercado da moda estavam voltadas ao que dizia respeito às diferenças de gênero, independente dos grupos sociais a que se fazia referência. Nesta linha de produções da moda, o não se restringir as classificações de gênero, estilistas e costureiros não se limitavam em apresentar roupas tanto para homens quanto para mulheres, estavam dispostos a apresentar o diferencial, o qual diziam respeito às diferenças de gênero independente de ideologias.

> Embora todo o discurso seja orientado para que um indivíduo tenha estilo, ou seja elegante, o universo social não é constituído por indivíduos, mas por posições sociais e por relações entre tais posições. A etiqueta esperada nada mais é senão o cumprimento da ordem social: a discriminação e a manutenção da posição que as pessoas ocupam dentro dessa ordem. As relações entre as pessoas são sempre, com isso, relações entre posições sociais reguladas pela conveniência

> exigida para a manutenção dessas posições (BERGAMO, 2004, p. 89).

A ideal das militantes femininas era promover a mobilização das mulheres por meio da elegância e etiqueta que a moda proporcionava para a mulher que ocupava cargos de chefia e que lutava por salários iguais diante dos ganhos recebidos pelos homens dentro mercado do trabalho. As mulheres se incorporavam para uma nova maneira de se vestir, pentear e conquistar cargos até então só ocupados por homens. Se fazia necessária a conquista de ocupação de cargos semelhantes aos dos homens, o direito de salários iguais entre outras e muitos direitos iguais necessários naquele período.

O espírito do poder feminino expandia-se - a expressão 'meu corpo, minhas regras' entrava em prática em todos os aspectos, na aceitação do próprio corpo e transpassando pelo o direito do aborto. Era a busca severa da mulher por sua individualidade.

> A explosão feminista dos anos setenta porá termo a esta aliança, lançando na confusão as organizações que a ela tinham aderido. Ela revela profundas fracturas ideológicas e sociais e estabelecer novas equações: o nacionalismo já não é um credo unívoco, ligado ao conservadorismo, e o feminismo não é unicamente procedente da modernidade (COHEN, 1995, p. 628-629).

As práticas machistas aos poucos foram sendo desnaturalizadas pelas próprias mulheres. Elas deixando de lado o papel de coadjuvante e colocando-se como protagonistas.

O movimento das jogadas de como se vestir se dava por simplesmente as roupas serem enxergadas como roupas sem existir a distinção entre os sexos. Os ternos passou a ser uma peça comum no guarda roupas das mulheres. No contexto atemporal, Coco Chanel na década de 1920 já sugeria ao sexo feminino o conceito de que as mulheres poderiam se servir das roupas dos maridos. O que aconteceu na década de 70, foi uma repaginada do que as mulheres na década de 20 já tinham ousadas em fazer, porém, as mulheres vestir-se com peças masculinas ganhavam força total naquele período. Sendo

assim, os estilistas criam e a feministas seguindo como base a lei de gênero, apostam no look unissex para se sobressair em um mercado de trabalho cada vez mais disputado entre ambos os sexos.

Ainda neste cenário, a mulher conquistando uma determinada autonomia e liberdade pra fazer suas escolhas e ter reconhecimento igual aos dos homens em vários contextos sociais, buscavam uma maior compreensão por parte da sociedade sobre igualdade de gêneros, uma vez que, se tinha a tentativa de fazer com que os homens tentassem se colocar no lugar das mulheres, ao começar pelo ambiente de trabalho.

Com isso mesclando com a eclosão do comportamento feminista e de gênero da época, a moda da década de 70 tornou-se cada vez mais variada, a qual proporcionava uma ruptura do comportamento social junto a uma grande democratização.

A inversão do vestir-se feminino deixando de lado formas geométricas das minissaias e da silhueta perfeita e delicada por longas linhas estruturadas das calças e os milhares de cortes de cabelos curtos e vestidas de terninhos com ombreiras. Destaque para as ombreiras que tinha como finalidade acentuar os ombros, parte do corpo masculino que representa o símbolo de ambição, confiança e afirmação de pode no trabalho e nos negócios. As mulheres copilavam esse código/sinal de poder. Exibia-se naquele momento o crescimento do visual da mulher masculinizado, determinado imagem que tinha como finalidade firmar a nova mulher como trabalhadora e independente.

Contudo nos anos 80, a moda configurava-se nas produções do vestuário feminino refletido no efeito do posicionar-se da mulher no mercado de trabalho. Indumentárias como calças, jaquetas, terninhos e até mesmo cortes de cabelos masculinos representava a tendência da moda durante toda década 70 e início dos anos 80. As diferenças entre os códigos de vestimentas entre o feminino e o masculino perdiam forças, trazendo para a sociedade características fortes da moda unissex que tinha como referencias as características do estilo androginia.

Com o crescimento das mulheres no mercado de trabalho, a moda da década de 80 oferecia um aumento nas formas, sinais e uma nova identidade de se vestir, levando para o campo social combinação de elementos ligados por uma relação de pertinência, produzindo uma sensação igualitário nos modos de vestir-se entre ambos sexos.

Neste período entre 1960 a 1980 ficou compreendido pela primeira vez o movimento social das mulheres tomado como uma verdadeira dimensão cultural e as suas reivindicações culturais numa amplitude social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os direitos das mulheres é um grande marco histórico. A moda por sua vez é uma grande fonte histórica para retratar as mudanças do comportamento da humanidade.

Esta pesquisa representa a importância da imagem da mulher na história e o significado da moda dentro da conquista dos direitos igualitários.

Nunca à moda esteve tanto em evidência como no período da conquista dos vários movimentos sociais. Era as mulheres através da moda transmitindo para sociedade seus desejos, valores e importância. A verdade é que de forma sutil ou não as vestimentas sempre teve importância durante toda a história da humanidade, corroborando para o destaque do gênero feminino. Em busca pelo poder e prestígio as mulheres passou a descobrir cada vez mais recursos para melhorar sua aparência e através dela conquistar aquilo que se desejava. E essa prática ocorreu com muita frequência durante toda segunda onda feminista.

Pesquisar a história do direito das mulheres vinculado a moda nos leva a entender o fundamento dos movimentos feministas através da ideia do desconstruir o discurso da mulher submissa.

Destaca-se num modelo amplo que na perspectiva pela igualdade de papéis sociais, as mulheres transformam seus modos de vestir e comportamento que tinham como intuito provocar o questionamento nas esferas sociais, e por outro lado, extinguir as diferenças entre os vestuários femininos e masculinos. Na proporção das mudanças causas entre o feminismo e moda, a identidade de gênero foi gradualmente notada e a variedade na informação através do vestuário entre o final do século XX e início do XXI, mostra uma sociedade voltada para uma multiplicidade de identidades femininas.

Diante de olhares críticos/preconceituosos à moda unissex ou andrógina adotada pelas mulheres entre a década de 60 a 80, não foi bem recebida, devido à crença de que o vestuário feminino não poderia mesclar com a do vestuário masculino, porque para os tradicionalistas era exceder comportamento padrão.

Contudo, é necessário revermos algumas considerações sobre o que à moda e o

gênero representou para o mundo até os dias de hoje e o prestígio que ela proporcionou para ambos os sexos. Denise Jodelet destaca

> Certamente, há representações que chegam a nós já prontas ou que "atravessam" os indivíduos. São as que impõem uma ideologia dominante, ou as que estão ligadas a uma condição definida no interior da estrutura social. Mas, mesmo nesses casos, o compartilhar implica uma dinâmica social que considera a especificidade das representações. É o que desenvolveram as pesquisas que relacionam o caráter social da representação à inscrição social dos indivíduos. O lugar, a posição social que estes últimos ocupam, ou as funções que preenchem, determinam os conteúdos representacionais e sua organização, via a relação ideológica que mantêm com o mundo social (JODELET, 2001, p. 14).

O comportamento, os jeitos e trejeitos, as roupas e a civilidade adotada pelas mulheres agiam como uma ferramenta que dava coesão entre as lutas por direitos iguais e a reação da sociedade. Assim sendo, conquistando seu espaço. As mulheres são exemplo de que todo o cidadão tem todo direito e dever de se apresentar para sociedade de uma nova forma e de comportamento renovado.

É nesse paradoxo de contrastes que foi a conquista dos direitos das mulheres que a moda colaborou para identidade de gênero. Enfim, o estudo da moda, feminismo e gênero é riquíssima para compreender o poder que as representações significam e as ligações entre as lutas, gestos, comportamentos, etc, com determinados valores que justificam as causas de lutas das feministas.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2001.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

THÉBAUD, Françoise. (Org.). **História das mulheres no Ocidente: o século XX.** Tradução de Alda Maria Durães et. al. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995. v. 5 (Coleção dirigida por Georges Duby e Michelle Perrot.).

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges & PERROT, Michell. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995.

JOAQUIM, J.T, & MESQUITA, C. **Rupturas do vestir: articulações entre moda e feminismo.** In: Anais do 1. Design, Arte, Moda e Tecnologia (p. 15–58). São Paulo, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BERGAMO, Alexandre. **Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda.** *Cad. Pagu* [online]. 2004, n. 22, pp. 83-113;

KALIL, Gloria. **Chic [érrimo]. Moda e etiqueta em novo regime.** São Paulo, Códex, 2004.

GARCIA, Claudia**. Um dos estilistas mais importantes do século 20.** Disponível em: < http://almanaque.folha.uol.com.br/saintlaurent_historia.htm>. Acesso em: outubro. 2015.

Sites consultados

http://almanaque.folha.uol.com.br/anos60.htm - acessado em: outubro, 2015;

http://almanaque.folha.uol.com.br/anos70.htm - acessado em: outubro, 2015;

https://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/movimento-feminista/ - acessado em: novembro, 2015.